

RÁDIO DA

Cine TV News

Luva

CEDI - P. I. B.
DATA 26, 07, 90
COD KYD 85

COMO OS ÍNDIOS SE
TRAVESTIRAM
DE ÍNDIOS PARA...

Renato Pereira



NATURA

COMUNICAZIONE

Le media fanno male alla natura?

 **COMUNE DI MILANO**
SETTORE EDUCAZIONE

SCUOLA
AMBIENTE

La Natura vive una stagione di straordinario successo.

Discussa, fotografata, filmata, soggetto di preoccupazione per il suo stato di salute, oggetto per la promozione di nuovi prodotti. Ma che cosa accade alla Natura quando viene usata dai media?

È possibile promuovere Natura, anche nelle migliori intenzioni ambientaliste, al pari di un qualsiasi prodotto o di un qualsiasi tema politico?

Se questi anni segnano la "scoperta" della Natura come grande metafora della alterità, spesso ne viene ancora diffusa una immagine comoda e colonizzata.

Per una educazione ambientale che vuole essere consapevole di quanto propone è allora opportuno interrogare l'esperienza di quanti - studiosi, operatori dei media, ambientalisti, scienziati - operano in questo campo. Per contribuire così ad evitare che divulgazione, uso politico e pubblicità annullino in un "già visto" la nuova sensibilità nei confronti della Natura.

Con il contributo e la collaborazione di:

 **Presidenza**
Giunta Regionale Lombarda

CARIPLO

 **WWF**

Con il patrocinio di:

Ministero per l'Ambiente
Ministero per la Pubblica Istruzione
Commissione della Comunità Economica
Europea Ufficio di Milano
Università degli studi di Milano
I.R.R.S.A.E. della Lombardia

Sponsor:

 **Acqua**

L'Assessore all'Educazione
Marilena Adamo

Convegno internazionale
Milano 15 e 16 febbraio 1990
Centro Congressi Cariplo
Via Romagnosi 6

NATURA C O M U N I C A Z I O N E

15 FEBBRAIO

L'IMMAGINE DELLA NATURA NEI MASS MEDIA

ore 9,30

Apertura ufficiale del convegno

Paolo Pillitteri

Sindaco di Milano

Giuseppe Giovenzana

Presidente Giunta Regionale Lombarda

Marilena Adamo

Assessore all'Educazione Comune di Milano

ore 10,30

Coordinatore:

Paolo Fabbri

Università di Palermo,

Ecole des Hautes Etudes en Sciences Sociales

Relazioni di:

Roger Payne

Long Term Research Institut, Lincoln, Massachusetts

Come rendere sexy una balena.

Fulco Pratesi

Presidente WWF Italia

La costruzione di un simbolo protettore, il Panda.

Renato Pereira

Museu de Rio de Janeiro

Come gli indios si travestono da indios per proteggere gli indios.

Fabrizio Carbone

Giornalista, Roma

Un video sulla pubblicità di natura, contronatura e pronatura.

Giovanni Anceschi

Politecnico di Milano, Facoltà di Architettura

La linea 'naturale' nel design contemporaneo.

ore 13.00 Pausa pranzo

ore 15.00

Relazioni di:

Umberto Eco

Istituto Discipline della Comunicazione Università di Bologna

Natura e Comunicazione.

Angelo Shwarz

Accademia di Venezia, Istituto di Fotografia di Parigi

Fotografare la Natura, viva o morta che sia.

Serge Moscovici

Ecole des Hautes Etudes en Sciences Sociales, Parigi

Per una storia umana della natura.

Paolo Fabbri

Università di Palermo, Ecole des Hautes Etudes en Sciences

Sociales, Parigi

Comunicare la Natura.

Freimut Duve

Parlamento Germania Federale

Oltre il successo dell'ambientalismo:

le ricadute negative del globalismo.

Antonino Colajanni

Università La Sapienza di Roma

Il fascino delle cosmologie altrui.

Paolo Budinich

Istituto di fisica - SISSA - Università di Trieste

La trasmissione dell'immaginario scientifico.

16 FEBBRAIO

TUTTA QUI LA NATURA?

ore 9,30

Coordinatore:

Franco La Cecilia

Istituto Discipline della comunicazione - Università di Bologna

Relazioni di:

Philippe Descola

Ecole des Hautes Etudes en Sciences Sociales, Parigi

La natura domestica degli indios.

Jean Baudrillard

I.R.I.S., Parigi

Notizie catastrofiche.

William Christian

Gran Canarias

L'invenzione della Natura come religione locale.

Franco La Cecilia

Istituto Discipline della Comunicazione - Università di Bologna

Esiste una pomaecologia?

Arturo Argueta

Istituto National Indigenista, Mexico

Che fastidio danno gli indigeni ai parchi?

Augustine Berque

Ecole des Hautes Etudes en Sciences Sociales, Parigi

Natura e artificio in Giappone.

ore 13.00 Pausa pranzo

ore 15.00

Relazioni di:

Gianluca Bocchi

Università di Milano

La costruzione della natura.

Lucetta Scaraffia

Università La Sapienza di Roma

Miracoli contronatura.

Hans Peter Duerr

Max Plank Institute di Monaco.

Le trappole della Natura militante.

Elena Gagliasso

Università La Sapienza di Roma

Una vecchia storia: dai naturalisti del '700 agli ecologisti.

Michael Strachan

International Economic Asset, Parigi

Quanto vale la Natura?

Maurizio Gnerre

Università di Cassino

Natura e artificio.

Jean Paul Durand

Ecole Pratique des Hautes Etudes, Parigi

L'anima degli animali.

È stato concesso dal Ministero della Pubblica Istruzione
l'autorizzazione alla partecipazione al convegno
per il personale direttivo e docente della Scuola
di ogni ordine e grado di tutte le province.

Interverranno:

Gianfranco Amendola

Gianfranco Bologna

Grazia Francescato

Salvatore Giannella

Agenzia Conquest

Agenzia Mc Cann-Erickson

Agenzia Pirella, Gottsche, Lowe

Agenzia Saatchi & Saatchi

Agenzia Annamaria Testa

A cura di IEM s.r.l. - Istituto di Comunicazione - Milano

Coordinatore scientifico: Franco La Cecilia

Ufficio Stampa: DRCS - Milano

Informazioni: IEM tel. 02/76222111; per copie del
convegno: tel. 02/76667711

Per eventuali prenotazioni, designazioni si prega di rivolgersi a:

Hotel Reservation Milano 02/706095; telex: 315829

Gli atti del convegno sono editi
da RIZA Psicosomatica.

Os índios são bens em alta no mercado simbólico contemporâneo. Tornaram-se presença requisitada para congressos e conferências, tema constante do discurso ambiental, notícia nos meios de comunicação, símbolos de prestígio para personalidades do poder. Incorporados às vertentes políticas do planeta como arautos de uma nova ordem, sua imagem espelha virtudes perdidas pela Civilização, sua fala toca o coração dos homens.

Entre todos os povos sem escrita do mundo designados por este nome — índios — são os do Brasil aqueles que desempenham com mais frequência o papel. O Ocidente tem nítida predileção por índios brasileiros quando reflete sobre o "Homem Natural". Tal predileção não decorre das vicissitudes enfrentadas por estes povos no Brasil, compartilhadas por populações indígenas de outras latitudes. Tampouco do fato de habitarem a Amazônia, objeto de tantas atenções. Decorre da sua adequação a um estereótipo produzido pela Civilização.

Há quinhentos anos a descoberta do Novo Mundo consagrou a presunção secular sobre a existência de selvagens de boa índole, que até então conviviam com a sua antípoda: a versão de selvagens disformes e agressivos. Dos primeiros relatos dos viajantes oriundos da América tornaram-se mais conhecidos aqueles que realçavam o estado primitivo e feliz dos americanos, e especialmente, os que se referiam aos índios do Brasil, supostamente mais próximos ao princípio da alteridade: andavam nus e eram materialmente rústicos.

A fábula da Idade de Ouro da humanidade deixou a penumbra do imaginário renascentista e transformou-se em discurso político articulado, ainda que sutil, de intelectuais. Definiu-se

2.

o perfil do "estado natural": lugar desprovido de constrangimentos morais ou políticos, onde predominam a virtude e o convívio harmônico entre Homem e Natureza. Lugar do "bom selvagem".

Desde então, ainda que objeto de controvérsias filosóficas, a visão otimista do estado natural e sua íntima associação com os índios do Brasil popularizou-se, e retorna com insistência ao palco em forma de doutrina política ou de norma existencial.

Quando Raoni dá a volta ao mundo com Sting, participa de shows televisivos e é recebido por chefes de estado, há muito mais do que senso de oportunidade política em jogo. Trata-se de despertar construções do espírito ocidental, significados à espera de tangibilidade.

Raoni, Payakan e os Kayapó de um modo geral, são hoje os índios com mais influência política no Brasil. Esta posição é em grande parte produto da sua capacidade de manipular as representações ocidentais acerca da indianidade, deixando de ser apenas Kayapó para tornarem-se "índios". Refletir sobre esta trajetória, suas atribulações e possíveis conexões com as preocupações contemporâneas é o que proponho a seguir.

Vale a pena ser índio no Brasil? A ambivalência das considerações ocidentais a seu respeito pôde ser experimentada de modo muito concreto pelos índios brasileiros. É de conhecimento geral • etnocídio a que foram submetidos desde que "descobertos". O tratamento que mereceram dos colonos portugueses, e tempos depois, dos neo-brasileiros encarregados de expandir as fronteiras da Civilização, pautou-se pela concepção de que eram obstáculos ao desenvolvimento civilizatório, membros de sociedades incultas

3.

com pouca aptidão para os novos tempos. Mesmo iniciativas, vá lá, humanistas, como a dos jesuítas, visavam a preservação física das populações tribais, desde que desacompanhadas de suas idiosincrasias culturais.

A sensibilidade para a "questão indígena" no Brasil, só tomou forma razoavelmente definida na virada do último século, impulsionada pela elite educada dos centros urbanos. Eram então frequentes as notícias sobre os massacres que se sucediam no interior. A "causa indígena" foi desde logo moldada pelo discurso romântico, tradução literária do "bom selvagem", e popularizou um tipo idílico de índio, mais próximo do modelo francês do que dos índios de carne e osso. O Brasil assumia assim a curiosa posição de exportador de matéria prima simbólica e de importador de bens intelectuais europeus.¹

Formaram-se, enfim, duas perspectivas básicas sobre os índios no Brasil: membros de culturas inferiores, adversários da marcha da civilização, ou senhores virtuosos das matas brasileiras, emblemas da nacionalidade.²

A trajetória dos Kayapó ilustra particularmente bem como estes dois olhares tornaram-se referências importantes para as próprias populações tribais. Os Kayapó têm sido descritos em recentes textos antropológicos como exemplos bem sucedidos de resistência aos efeitos deletérios do contato com a Civilização. Isso teria sido possível graças à capacidade demonstrada por instituições chave da sua sociedade em continuar operando como reguladoras da vida social dentro das novas condições, capacidade por sua vez relacionada a certas contingências históricas que não merecem exame aqui.

4.

Na década de setenta os Kayapó moveram uma série de escaramuças contra a população regional que invadia o seu território. A ação armada somaram-se formas de pressão política facilitadas em grande parte pela notoriedade trazida pelos primeiros conflitos com os colonos brancos, que despertaram a cobertura da mídia e repercutiram nos centros urbanos e nos órgãos estatais encarregados dos assuntos indígenas. Raoni começa a virar uma personalidade conhecida precisamente nesta época, combinando o papel de diplomata ao de líder militar.

Os conflitos dos anos setenta acionaram entre a população regional um velho estereótipo sobre os Kayapó. Lá estavam "índios bravos", responsáveis por incontáveis baixas entre os "civilizados" antes que fossem "pacificados" (eis um estereótipo fundado na realidade...). De modo que, ao longo dos anos oitenta, a outra série de disputas territoriais levada a cabo pelos Kayapó não produziu cadáveres, e baseou-se no pavor dos adversários mais do que no seu próprio poder ofensivo. Dito de outro modo: os Kayapó puseram as representações da população regional a seu serviço. A ocupação do garimpo de Maria Bonita é um caso clássico: lá estavam em 1985 cerca de três mil garimpeiros, que foram paralisados por duzentos homens trajados de forma tradicional, portando quase que exclusivamente bordunas.³

Note-se que ao lado do efeito de intimidação produzido ao nível regional, o comportamento de "índios" posto em prática pelos Kayapó atraiu a atenção da mídia e os pôs em contato com os centros urbanos, lugar de tradicionais aliados da "causa indígena". Cabe aqui uma breve digressão: os brasileiros têm o estranho hábito de eleger, de tempos em tempos, determinadas etnias indíge-

5.

nas à cadeira de "índio brasileiro", transformando-as em símbolo genérico de todos os índios de país. Durante décadas o posto foi ocupado pelos "Tupi", não por povos remanescentes deste tronco lingüístico, mas por ilustrações históricas e literárias dos primeiros ocupantes da costa atlântica difundidas exaustivamente pelos livros escolares.

Entre os anos cinquenta e setenta foi a vez dos índios do Alto Xingu. Os meios de comunicação os popularizaram por fotografias, a ponto de transformá-los em cartão postal do Brasil.

Hoje são os Kayapó os eleitos da sociedade brasileira. Não há referência impressa ou televisiva às "atualidades" indígenas, que não os mencione de algum modo. Notícia sobre Roraima, Yanomami e garimpeiros na tela, plano de corte: foto de Raoni. Encarte dominical infantil sobre educação; ilustrações de crianças Kayapó. O apresentador promete os Arara: a imagem mostra os Kayapó.

Muitas são as vias para ser "eleito". Os "Tupi" vieram pelo caminho épico preparado pelos romancistas do século XIX. Os Alto Xinguanos pelas mãos do Estado, que os tornou anfitriões de personalidades do *grand monde* e estimulou o seu registro fotográfico no afã de promover o indigenismo oficial. Os Kayapó "chegaram lá" seguindo a estratégia do confronto, razão da sua notoriedade.

O que têm em comum tupis, alto xinguanos e kayapós? "Traços culturais" que os enquadram no perfil de "Índio", talhado pelo modelo do "Homem Natural". "Traço cultural" é uma categoria obsoleta para a Antropologia, pois supõe uma concepção substantivista ^{da} cultura. Mas é uma idéia muito operante no "senso comum",

6.

este amálgama de valores e filtros interpretativos sobre os quais se constituem os debates de ocasião. Para o "senso comum" cultura é antes de tudo o conjunto de características visíveis que diferencia os grupos humanos. São índios, portanto, as pessoas que fisicamente correspondem a um estereótipo exótico — onde as deformações corporais e a arte plumária contam muito — vinculado a uma tosca concepção de "homem das selvas". "Tupis", alto xinguanos e kayapós são neste sentido exemplares.

Mas não basta ajustar-se ao figurino de "índio" para tornar-se metáfora de todos eles. É preciso comunicar algo de especial, é necessário que haja alguma sintonia entre o símbolo e sua época. Os "Tupi" diziam algo a respeito do caráter nacional quando este era objeto de busca ideológica. Os alto xinguanos acrescentaram a esta procura uma emoção estética. E os Kayapó motivavam a vertente política da consciência nacional, sugerindo um *happy end* ao eterno tema da luta do oprimido contra o opressor.

Mas eu dizia que parte do sucesso militar Kayapó baseou-se na exploração das representações da população regional a seu respeito. Evidentemente, os neo-brasileiros não se renderam sucessivas vezes aos Kayapó por temor à sua "cara feia", mas sobretudo porque sabiam que enfrentando-os provocariam a ação imediata do Estado, a chegada de representantes da mídia, e a ira de setores expressivos da sociedade civil. Os líderes Kayapó também sabiam disso. Com uma diferença: sabiam que os seus adversários o sabiam.

Usar o *status* de "índio" como poder de barganha não é novidade. Outros povos indígenas do Brasil o fizeram, em geral co

7.

mo último recurso para assegurar o direito à terra. Por outro lado, nem sempre o paradigma culturalista agiu favoravelmente aos seus interesses. Muitas vezes questionou-se a condição de "Índio" de certas populações tribais argumentando que lhes faltavam "traços culturais" típicos. A própria agência indigenista oficial ensaia há algum tempo distinguir juridicamente índios "aculturados" e índios "autênticos".

Vale a pena ser índio no Brasil? Os Kayapó, bem antes da celebridade, nos primeiros tempos da pacificação, procuraram suprimir alguns sinais característicos que faziam da sua diferença, desigualdade. Aos olhos da população regional, o seu primeiro espelho étnico, não havia dúvida: lá estavam selvagens providos de índices mínimos de humanidade. Andavam nus e portavam horríveis discos labiais. Os dois "costumes" foram logo suprimidos. Hoje só alguns velhos mantêm os discos. Nudez está fora de questão. Chefes que atualmente comparecem paramentados com pulmas e pinturas corporais a encontros formais com brasileiros, anos atrás não abriam mão de trajes civilizados completos. Para os Kayapó já foi tempo de *de vir branco*.

Mas vejam que exatamente estes dois sinais diacríticos, nudez e distensão labial, são altamente valorizados pelos que querem ver nos índios a encarnação do "Homem Natural". Folheando a Paris Match, a quintessência do "senso comum", encontro fotos da visita de Sting ao Xingu. Os únicos índios que nelas aparecem são velhos portando enormes discos labiais. Tem-se a impressão, e o texto chega mesmo a sugerir-lo, que por lá todos os homens são assim, quando ocorre justamente o contrário. Lembrei-me então de historietas do folclore xinguano, narrando as atribulações de

8.

fotógrafos que lá chegando não medem esforços para despir os índios. O mesmo par de símbolos, portanto, embora de significado inequívoco — designa a condição de "Índio" — tem sentidos opostos na nossa sociedade. Motivo de repulsa para alguns, de gaudío para outros.

Os Kayapó parecem ter se ajustado à essa esquizofrenia cultural. Se hoje resgatam politicamente a diferença, suprimindo a desigualdade através da incorporação obsessiva de bens industriais — o que lhes valeu a alcunha de "high tech savages" — é porque a identidade ainda vale a pena. Não mais a simples identidade Kayapó, emanção da natureza humana, mas o *devir índio*, um outro para o civilizado, um semelhante para os demais índios.

Da fama à unanimidade. Será este o destino dos Kayapó? Aliados das "forças progressistas" na Constituinte, artífices do encontro de Altamira, eles participam de uma rede de alianças e interesses que ultrapassa as fronteiras do Brasil. É verdade que não estão sozinhos. Há uma valorização geral dos índios no contexto contemporâneo.

O mito da "Idade de Ouro" e do "Homem Natural" é dotado da incomum capacidade de resuscitar periodicamente sob formas variadas. Por certo o atualizam, refazem o seu "*design*", acrescentam-lhe acessórios, para relançá-lo, enfim, como artigo novo. Não fosse assim não resistiria a séculos de consumo: influente no Renascimento, moda revolucionária, moeda corrente do romantismo burguês, artigo de luxo dos preservacionistas, totem do movimento *hippie*, eis que o "Homem Natural" recebe a sua última versão: o "Homem Ecológico".

Nestes tempos de incerteza ideológica cabe ao ambienta-

9.

lismo, ou ao ecologismo, como queiram, suprir a carência atávica de uma meta político-existencial partilhada por todos nós. A "Terra é viva", dizem, e a Natureza, a medida de todas as coisas.

O sentimento de que há uma oposição irreduzível entre a Civilização Industrial e o que chamamos de Natureza, fundamenta-se não apenas em presunções ideológicas, mas também no discurso científico. A Ciência encena Nostradamus, e é a partir das suas previsões — degradação da camada de ozônio, derretimento das calotas polares, etc... — que se formam as novas visões do apocalipse, até há bem pouco tempo apanágio da guerra fria e de sei-
tas esotéricas.

Não falta ao apocalipse moderno nem mesmo o templo sagrado que, se profanado, ensejará o fim da humanidade. É a Amazônia. Um dos motivos mais óbvios, ainda que não o principal, para a alta constante dos índios no nosso mercado simbólico é que são eles, supostamente, obstáculos físicos à destruição da Amazônia, defensores legítimos da selva.

Contudo, a mesma Ciência que lança presságios sombrios sobre o Homem, revela que os índios estabeleceram formas equilibradas de convívio com a Natureza. A idéia nada tem de original, o mito do "estado natural" não diz outra coisa, mas revestiu-se de singular importância quando confirmada pelo filtro da objetividade. Assiste-se então a uma impressionante difusão de artigos etno-ecológicos sobre a "milénar" ciência indígena, modelo de desenvolvimento auto-sustentado para a Amazônia, e multiplicam-se as instituições ambientais dispostas a financiar projetos em área indígena. A Ciência tornou-se retratista do índio brasileiro, traçando com precisão a silhueta do "Homem Ecológico".

Curiosamente, porém, ela, como o Mito, tende a naturalizar os índios, a tratá-los como uma espécie em interação com outras espécies que, por dispor de um órgão intelectual, foi capaz de armazenar informações preciosas sobre o ambiente. Nos textos de alguns etno-ecólogos há mesmo a idéia de que os índios lograram se adaptar à Natureza porque as suas técnicas de manipulação ambiental baseiam-se na imitação dos padrões naturais.

Ciência e Mito convergem para a idéia de que o "Índio" é um *outro* especial. Especial porque é ao mesmo tempo alteridade radical e modelo. Porque é parte indissociável desta *outra*, a Natureza, e parte de nós, um humano. Esta posição fez do "Índio" simultaneamente *voz* da Natureza e *consciência* — no sentido pinoquiano do termo — da Civilização. Ouví-lo é como prostrar-se diante do oráculo. Entende-se pois a profusão de convites dirigidos aos índios brasileiros para participarem de congressos, seminários e *quetais*, e a sua súbita conversão à comentaristas instalados nos órgãos de comunicação, fenômeno em marcha no Brasil.

As lideranças indígenas brasileiras têm plena consciência do seu título ecológico, e procuram contemplar as expectativas de seus aliados ocidentais sempre que se dirigem à platéias do mundo branco. Mas na medida em que a sua tão decantada "atitude ecológica" nada mais é do que decorrência — com o perdão do trocadilho — natural, do seu padrão civilizatório, não presumindo qualquer opção política consciente, o discurso ambiental destas lideranças mostra-se, via de regra, pouco criativo. Não fazem elas outra coisa senão aderir a uma retórica padrão composta pela nossa própria Civilização a respeito da Natureza e de

suas vicissitudes. Retórica, por sinal, rica em lugares comuns que em lábios civilizados soariam piegas, mas que pronunciados por índios revestem-se de tocante gravidade.

Vivem os índios tão de acordo às "Leis da Natureza" quanto nós, civilizados. Seus estatutos morais, políticos e sociais decorrem de construções culturais não redutíveis ao seu modo de garantir a subsistência ou de interagir com o ambiente. Eis um truismo que merece ser lembrado. Pois naturalizar os índios e sonhar com a naturalização da nossa sociedade apenas reproduz indefinidamente um paradigma instalado na raiz da nossa civilização: o paradigma da conquista, que fez da Natureza objeto e da Sociedade sujeito, deixando em aberto o falso dilema; devemos submeter o objeto ao sujeito, propósito da lógica industrial, ou o sujeito ao objeto, tema do discurso ambiental?⁴

Se há uma diferença importante entre civilizados e índios talvez seja esta: os "Povos primitivos" concebem seus vínculos com a Natureza segundo o paradigma da reciprocidade: trata-se de relações entre sujeitos, o mundo natural é imanente à vida social. Esta filosofia dificilmente será aprendida pela Civilização. Mas enquanto não nos convencemos disto, seguem os índios travestindo-se de índios para frequentar a nossa imaginação.

NOTAS

- 1- Esta observação é de Afonso Arinos (1937), em texto que serviu de guia para boa parte das informações sobre a formação das idéias de 'estado natural' e de 'bom selvagem' contidas aqui.
- 2- Este ponto é discutido pormenorizadamente por Durham (1983).
- 3- Para um relato mais detalhado deste e de outros conflitos Kayapô, veja Turner (1987).
- 4- Sobre as implicações políticas deste dilema, veja Viveiros de Castro, e M. Andrade (1988).

BIBLIOGRAFIA

DURHAM, EUNICE

1983 O LUGAR DO INDIANO EM COMISSÃO PRÓ-ÍNDIO (CPI) O Estado e a Cidadania
Editora Brasiliense, SP.

MELO FRANCO, Afonso Arinos de

1937 O Índio brasileiro e a revolução francesa. RJ, JOE.

POSEY, Darell

1984 Indigenous Ecological knowledge and development of
the Amazon. In: The dilemma of Amazonian
Development, Colorado, Westview press.

1984b Os Kayapô e a Natureza. Ciência Hoje 3(12) RJ.

1987b Etnobiologia e ciência de folk: sua importância pa
ra a Amazônia. In: Tubinger Geographische Studien.

TURNER, Terence

1987 Os Kayapôs do sudeste do Pará. Dat.

VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo B. e M. de Andrade, Lucia M.

1988 Hidrelétricas do Xingu: o Estado contra as socieda-
des indígenas. In: As hidrelétricas do Xingu e os
povos indígenas. Comissão pró-índio. SP.